

# Investigar o passado é a profissão do futuro: uma disciplina que nunca se esgota.

## Entrevista

Beatriz Gasques Favilla,  
Gabriele Maria Oliveira e  
Marina de Almeida  
Spinola

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v10i1p611-632

"Não existe sociedade humana sem seu passado, e não existe sociedade humana que não procure o que tem em seu passado."

Raquel Glezer iniciou a sua trajetória nas ciências humanas nos anos 1960, quando ingressou no curso de História da Universidade de São Paulo. Desde então, desenvolveu trabalhos nas áreas de história do Brasil, história da cidade de São Paulo e de sua urbanização, teoria da história e historiografia brasileira e ensino de história, participando de projetos com historiadores consagrados como Emília Viotti da Costa e Joaquim Barradas de Carvalho. Professora titular do Departamento de História da USP, a docente ganhou, em 2018, o título de Professora Emérita da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Sua jornada começou como a de muitos nós, uma jovem que adorava ler e gostava muito dos seus professores de Ciências Humanas. No entanto, isso aconteceu em um mundo muito diferente do que conhecemos hoje. A professora relembra sua experiência em outros modelos de ensino básico e universitário - "um

Gabriele Oliveira e Pedro Silva

mundo desaparecido”, em suas próprias palavras. Glezer estudou em uma Cidade Universitária muito distinta, quando o prédio do Departamento de História não era ainda o lindo Eurípedes Simões de Paula, com as rampas que hoje marcam o cotidiano dos estudantes. A organização do curso também era totalmente outra: as turmas das humanidades eram muito menores, os cursos eram panorâmicos, organizados pelo sistema de cátedra e totalmente voltados à formação de professores. A fala de Glezer nos conduz pelas múltiplas transformações por que passaram a historiografia, a profissão de historiador e o próprio curso de História ao longo de boa parte do século XX. Desde o seu ingresso na graduação até a sua atuação como docente, ela acompanhou todos esses processos, e comenta, inclusive, sobre questões muito atuais, como a regulamentação da profissão de historiador, o desmonte da educação básica e do financiamento à pesquisa e a introdução da tecnologia em nosso cotidiano profissional.

Mesmo diante dos ataques que a disciplina sofre no presente, a professora fala da profissão com muito carinho, e nos faz lembrar que a História não se esgota: há sempre um novo problema, uma nova questão que nos instiga, um novo ângulo para analisar. Em qualquer cenário presente ou futuro, a peculiaridade do historiador é justamente esse desejo incansável de compreender como chegamos até ali, o que veio antes de nós, o que há de singular em nossa condição e o que compartilhamos com os “outros” de outros tempos e espaços. O movimento permanente da vida em sociedade nos impele a pensar e, felizmente, isso diverte os historiadores. Glezer nos lembra precisamente de que ser historiador é muito divertido, e foi por isso que escolhemos esse campo e esse caminho, em primeiro lugar. Um alento em tempos tão difíceis.

Boa leitura!

**Revista Epígrafe:** Bom, professora nós gostaríamos de saber como foi a infância da senhora, sua formação escolar. A senhora chegou a fazer magistério?

**Raquel Glezer:** Não, eu fiz Grupo Escolar, Ginásio Estadual e Colégio Estadual num curso que se chamava Colégio Clássico, que corresponde hoje ao Ensino Médio. Ele era dividido em duas possibilidades, e eu fiz a chamada Clássico. Tinha Latim, tinha Grego, tinha Espanhol, dependendo da escola em que você estava. E sempre fiz os cursos nas escolas do bairro. Fiz um Grupo Escolar do bairro, fiz Ginásio Estadual e Colégio Estadual também.

**Revista Epígrafe:** Era comum fazer magistério nessa época?

**Raquel Glezer:** Eu acho que era uma possibilidade. O colégio que eu fiz era um Ginásio Estadual e Escola Normal. Eram três anos, exatamente como é o Ensino Médio hoje.

Eu não tinha muito ânimo para a Escola Normal porque não era muito fã de lidar com crianças. E Escola Normal significava ter que trabalhar com crianças. Adolescentes são mais interessantes. E se eu fizesse um outro curso, eu poderia escolher uma outra profissão menos fechada em termos de possibilidades de trabalho. Vocês têm que pensar que a sociedade era muito restrita, com mínimas possibilidades de trabalhos para as mulheres... Não havia grandes chances de você dizer: “bom, eu vou querer ser outra coisa”. Ou fazia a Escola Normal, ou fazia o Colégio. Podia fazer Contabilidade, uma escola comercial ou uma escola industrial, mas eram coisas bem limitadas. Quer dizer, a escola comercial era uma escola particular, normalmente, e a Escola Industrial era uma escola do governo. Não

Gabriele Oliveira e Pedro Silva

existiam em todos os bairros, só em alguns bairros, o que significava que você teria que tomar uma condução ou duas para ir até a escola. E tendo Escola Estadual no bairro, você ia e voltava sem custos de condução, e era muito mais divertido.

**Revista Epígrafe:** Professora, quando e como começou o interesse da senhora pelas Humanidades e pela História? Foi uma vontade que esteve sempre presente?

**Raquel Glezer:** Bom, eu sempre gostei muito de ler. Nunca fui uma boa aluna, nem no Ginásio, nem no Colégio, mas aproveitava o tempo das aulas lendo tudo o que me interessava. As classes não eram tão grandes quanto hoje, mas eram uns trinta, trinta e cinco alunos. Dava para a gente ficar no meio da classe, fazendo as leituras que interessavam e ninguém precisava se sentar na primeira fileira. Também não precisava se sentar na última, porque na última ficava um pessoal mais agitado, mais barulhento. E eu achei que seria interessante fazer a Faculdade de Filosofia, porque no Colégio eu tive uma ótima professora de História, tive ótimos professores que estavam saindo da Faculdade de Filosofia. Bons professores, bem formados, capazes de interessar os alunos.

E eu achei que eu poderia tentar fazer História, porque eu tinha uma boa formação em português, conseguia ler em inglês, em francês e em espanhol, porque eram as disciplinas de línguas que havia no colégio. Eu conhecia um pouco de latim, porque tinha estudado sete anos de latim. Tinha estudado sete anos de francês, um pouco menos de inglês. Mas dava para ler o material que fosse necessário em outras línguas. Eu resolvi que ia fazer o vestibular terminando o colegial. Eu fiz um cursinho rápido, em torno de um mês, porque o vestibular era em fevereiro - era escrito e oral - e foi mais para, digamos, fazer a revisão daquilo que eu havia estudado nos anos anteriores. Obviamente não tinha Química, Física, Matemática, essas coisas que

### O constante movimento de renovação

assustam o pessoal das Humanas. Mas tinha História, tinha Geografia, tinha uma língua. Então, dava para fazer relativamente tranquila.

Eu fiz vestibular, passei e fiz o curso no período da tarde. A turma era muito pequena, uma turma com alunos em trinta vagas. Trinta à tarde, trinta à noite. O curso era pequenininho. E foi um curso interessante, gostei! Tive oportunidade de trabalhar com pesquisa com alguns professores na graduação, e depois eu achei que daria para fazer aquilo que estava começando no novo regime, que era a pós-graduação. Eu comecei no antigo regime, quando você fazia a matrícula e não tinha tempo pré-determinado para a defesa. Não havia financiamento de pesquisa, então você poderia usar o tempo que quisesse para fazê-la, e quando ela fosse considerada adequada pelo orientador, iria para a defesa. Era um mundo estranho do ponto de vista de vocês. Era um mundo absolutamente analógico, dependia do material que a gente encontrava na biblioteca, no arquivo. Você dependia completamente daquilo que existia nas bibliotecas. A biblioteca da Faculdade de Filosofia sempre foi muito boa, muito rica. Havia a Biblioteca Municipal, que era boa para estudo e pesquisa; e ainda a biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico, no centro da cidade. E você ia suprindo as necessidades de leitura e pesquisa com os materiais que fossem importantes. E a Faculdade tinha - tem até hoje - imensas coleções de revistas. Foi sempre uma preocupação da instituição na formação do acervo, as coleções de revistas. Então, você podia ir se mantendo a par do que estava acontecendo, quando as revistas chegavam. Hoje é muito mais fácil, você entra nas coleções *online* e tem acesso a uma boa parte do material que está sendo publicado, porque várias revistas estão em livre acesso, e isso facilita muito o processo de estudo e de formação. E as revistas hoje estão muito mais especializadas, porque, naquela época, elas ainda eram revistas gerais. Havia as de Pré-História e algumas mais contemporâneas em

Gabriele Oliveira e Pedro Silva

assuntos, dependiam do interesse, do momento, do que as pessoas queriam publicar. Você tinha um material muito rico, mas não havia a quantidade de revistas especializadas de hoje, que facilitam muito o acompanhamento das pesquisas, do campo e das discussões. Então, a gente fazia pesquisa um pouco às cegas, naquilo que você ia achando e localizando. Hoje é bem mais fácil para vocês, eu acho. A *internet* possibilita uma extensão da pesquisa muito grande. É claro que ler artigos de revista na *internet* é pesado. Embora os artigos tenham entre 20 e 25 páginas, eu considero pesado. Eu gosto de ler material de revista impresso. Tem que ir lá, pegar a revista, sentar, folhear. Tem mais além do que aquilo que interessa estritamente no momento. Mas a existência das revistas de acesso aberto facilita muito a vida da gente, principalmente a do historiador, que é um rato de biblioteca. São ótimas.

**Revista Epígrafe:** Professora, nós queríamos saber quais foram as disciplinas, os professores, as experiências mais marcantes que você teve na faculdade. Aliás, a senhora fez a faculdade no campus da Maria Antônia ou já era no do Butantã?

**Raquel Glezer:** Eu já fiz o curso no campus do Butantã. Claro que não era no prédio em que estamos hoje. Onde hoje é a reitoria, aquele prédio grande (era o prédio mais alto do campus) tem duas alas, até hoje. Numa ala ficava o curso de História, na outra ficava o curso de Geografia. Na Cidade Universitária, havia o curso de Física e o de História Natural. Na Maria Antônia, fiz só algumas disciplinas, mas fiz o curso quase todo na Cidade Universitária, que era um descampado deserto, e nessa época do ano [no verão] era um horror, porque a lama escorria para tudo quanto era lado. Vocês conhecem o jardim que vai do prédio em que estava a reitoria para a reitoria nova? Hoje você consegue andar pelo caminho, mas se andar na grama, vai ouvir o charco. Aquilo é uma baixada, um charco. Se chover muito, inunda os térreos dos prédios do lado. Não inunda o nosso, porque ele é alto. Ele só inunda quando o telhado dele dá

problema.

**Revista Epígrafe:** E quanto às disciplinas, experiências e professores marcantes?

**Raquel Glezer:** Fiz um curso em que as disciplinas eram anuais, então todas elas tinham o primeiro semestre e o segundo semestre. E havia bem menos disciplinas do que há hoje, mas os professores eram quase todos muito bons. Eu acho que os professores marcantes para mim foram: na História Ibérica, o professor Joaquim Barradas de Carvalho; na História Moderna e Contemporânea, o professor Fernando Novais, o professor Guilherme Motta, o professor [Eduardo d'Oliveira] França; na Antiga e Medieval, o professor Pedro Moacyr Campos (ele não era uma pessoa fácil e acessível de convivência, mas era um ótimo professor). Como a finalidade do curso era a formação de professores para Ginásio e Colégio, a gente tinha cursos panorâmicos. Em História do Brasil, além do professor Sérgio Buarque, a professora Maria Thereza Schörer Petrone, a professora Nícia Vilela Luz, a professora Laima Mesgravis.

Eu peguei o curso ainda no sistema de cátedra, então, havia o catedrático e seus assistentes. O catedrático podia dar o curso teórico e uma parte do seminário. Normalmente, eles davam o curso teórico e a gente ia fazer os seminários com os professores assistentes. Era assim a grade do curso: História Antiga e Medieval; História do Brasil, História da América, História Moderna e Contemporânea, porque as cátedras ainda eram conjunto de disciplinas, não havia desmembramento. O desmembramento foi posterior. Claro, já existia Introdução aos Estudos Históricos, que eu fiz com o professor Yves Bruand. E havia Teoria da História, com as professoras Maria de Lourdes Janotti e Emília Viotti.

Os professores marcam a experiência que a gente tem como aluno de várias formas. Eles marcam pelo interesse que despertam pela disciplina, pela forma de organização do curso, pela atenção que dão aos alunos, pelas sugestões e indicações de leitura. Era mais fácil conseguir atenção dos professores, porque a turma tinha 30 vagas, mas não havia 30 alunos. Então, as turmas de seminário eram turmas de 12 ou 15 pessoas. É um mundo desaparecido. E havia um fator bem importante, que era a turma. A gente entrava com um grupo de colegas, fazia o curso todo com as e os colegas. E, para quem acabou fazendo a carreira universitária, são alguns dos colegas de profissão que nós temos hoje. Então aqui, ou na Filosofia, na Faculdade de Educação, ou nas Ciências Sociais, ou em outra Universidade, você tem os colegas de turma.

Pode ser que o esquema a que vocês estão submetidos, o de rotação de turmas, seja mais compatível com as possibilidades dos alunos de estudar e com a possibilidade de fazer o curso numa determinada velocidade. Mas a gente tinha um curso limitado de quatro anos. No terceiro ano, começava a parte didática: Psicologia Educacional, depois Didática Geral e Didática Especial em História, que era obrigatória para quem queria ser professor, porque fazia parte - como faz até hoje - do registro profissional.

Claro, a Psicologia Educacional era para todos os alunos da Faculdade de Filosofia. É só vocês lembrarem que, do desmembramento dela, surgiram onze institutos. Então, para nós, parecia assim, muito grande e complicada. Era em um auditório, 150, 200 lugares, e tinha alunos de toda a faculdade. Havia uma parte da faculdade no campus do Butantã, já, mas também havia o campus da Maria Antônia e o da Rua Gleite, onde ficava uma parte de Ciências Exatas. Então, havia, de certa forma, um maior contato com os colegas dos outros cursos da Faculdade de Filosofia.

### O constante movimento de renovação

A impressão que eu tenho hoje é que, embora os prédios sejam relativamente próximos, há um menor contato com os colegas dos outros cursos. E isso acho um pouco entristecedor, porque a gente sempre ganha experiência com o contato com outras pessoas, com outras formas de ver as questões, outras experiências de vida, outras formas de raciocinar. Às vezes eu tenho a impressão de que, na verdade, os prédios, que deveriam servir para aproximar - o chamado conjunto didático -, na verdade separam. Todo mundo fica no seu prédio e a Filosofia não tem um espaço comum, só o prédio da Administração, que é para atividades burocráticas, administrativas, as reuniões dos colegiados, as bancas. Mas já houve maior possibilidade de contato com os colegas dos outros prédios. Havia maior circulação de professores. E eu acho que essa circulação sempre enriquece as experiências. Permite que a gente aprenda a ver alguma coisa de outro jeito. Nem todo mundo pensa que nem historiador. Pelo treinamento, pelo processo de formação profissional, a gente acaba aprendendo as coisas de determinada forma. E, é claro, quando o historiador sai para outras atividades - para trabalhar em arquivo, editoras, centros de documentação, museus -, tem que aprender outras coisas, que desenvolver novas habilidades que não são treinadas no curso, porque é um curso de formação para historiador. É um curso que não separa a parte de formação de professor da parte de formação de historiador. Então, é claro, na minha geração, quase todos os professores, passaram, quer no ensino formal, quer no informal, passaram por escolas antes de se tornarem professores da Universidade.

**Revista Epígrafe:** Professora, a própria estrutura do curso, nessa época, era mais interdisciplinar do que hoje? Dialogava mais com as outras áreas?

**Raquel Glezer:** Não, eram cursos menos especializados, eram cursos panorâmicos. Era a ideia de que todo mundo ia ser professor de Ginásio, de Colégio; portanto, a

formação tinha que ser mais abrangente e menos especializada. A especialização era para quem quisesse fazer pós-graduação. Todos nós tínhamos uma base de leitura comum, porque todos tínhamos que ler determinados livros em determinadas disciplinas, e aprendíamos qual era a bibliografia básica. Aprendíamos também como complementar o nosso processo de formação, se tivéssemos interesse em outro assunto.

**Revista Epígrafe:** Professora, tinha como fazer pesquisa durante a graduação ou isso passou a ser mais viável quando a senhora já estava formada? A senhora teve interesse em fazer pesquisa durante a graduação?

**Raquel Glezer:** Eu tive a possibilidade de fazer pesquisa na graduação com alguns professores, como o professor Joaquim Barradas de Carvalho. Ele formou um grupo, que hoje corresponderia à iniciação científica, para nós estudarmos os documentos referentes ao descobrimento do Brasil. Esse material está na *Revista de História da USP* dos anos 60. Eram alunos de graduação aprendendo paleografia do século XV, XVI, aprendendo a procurar bibliografia, a ler documentos manuscritos. Vários professores do Departamento de História, passaram por esse grupo.

Em História do Brasil, as professoras Maria Odila Leite da Silva Dias e Thereza Schörer Petrone faziam um tipo de treinamento em arquivo com leituras de documentos. Depois, a professora Emília Viotti da Costa fazia também grupos de estudo e de pesquisa em arquivo. É claro que não era uma coisa muito profunda, nem muito complicada. Eram passos elementares de como se trabalhava num arquivo. O arquivo do Estado não estava organizado, estava menos organizado do que é hoje. Então, você tinha que ir descobrindo por onde trabalhar com a documentação, porque só havia as grandes classificações gerais. Tinha que aprender

### O constante movimento de renovação

a trabalhar com material de revista, encontrando perspectivas diferentes: o que é o material de arquivo, o artigo da revista, o livro editado; quais são as diferenças entre esse material e que peso você dá a esses diferentes materiais enquanto faz um trabalho. E aprender também a procurar as coisas.

Havia uma grande predominância da História Política e da História Econômica. A História Cultural não existia, ela apareceu depois. Uma boa parte do curso de vocês é estruturada em cima da História Cultural, da História das Mentalidades, mas isso é um fenômeno do último quartel do século XX. Na época em que eu estudei, os cursos eram quadrados. Havia uma bibliografia, era para ler aquela bibliografia e era aquilo que se tinha que aprender sobre aquele assunto. Não importava se era Geografia, se era História da América, se era História Antiga. Mas os professores, a maioria deles, eram bons. Procuravam, pelo menos, despertar o interesse dos alunos pelos assuntos.

**Revista Epígrafe:** Como foi esse processo de especialização do curso de História dentro da USP? Por que isso aconteceu?

**Raquel Glezer:** Primeiro, porque o campo se fragmentou muito. Segundo, o campo dos estudos históricos hoje é muito mais subdividido com técnicas de trabalho, conceitos específicos, bibliografia absolutamente diferenciada. Os cursos eram gerais e panorâmicos. Hoje, eles não são nem gerais, nem panorâmicos, são monográficos. Eles são projetos de pesquisa que estão sendo desenvolvidos; às vezes são projetos já concluídos, mas tenho a impressão de que, na maioria das vezes, são projetos em andamento. Por isso, eles são mutáveis de semestre a semestre, e de ano a ano. Mudam as bibliografias referenciais, os temas e a perspectiva do professor. Ele está analisando um determinado fenômeno em determinado ângulo, mas um ou dois

Gabriele Oliveira e Pedro Silva

anos depois, ele pode estar num outro projeto, outro tema, outra bibliografia, outra perspectiva. Isso é muito enriquecedor. Corresponde a um fenômeno geral dos estudos históricos. Eles eram estudos, nós diríamos hoje, quadrados e tradicionais. Você tinha que aprender a História Política de qualquer lugar que você fosse estudar. A História Política era uma História bastante tradicional; com o tempo ela caiu em desuso e, depois, foi retomada com novas perspectivas e novas questões.

Então, na verdade, os estudos históricos eram relativamente tradicionais. Havia os livros de referência, como há até hoje, os quais, obrigatoriamente, o historiador profissional deve ler. Mesmo que não seja do campo específico da pesquisa e da especialização, o historiador tem que passar pelo Marc Bloch, pelos historiadores marxistas ingleses e pelos historiadores contemporâneos franceses. Então, ele tem que ler aquilo, mesmo que ele trabalhe com outra bibliografia e outra perspectiva. Ele tem a bibliografia referencial do grande campo dos estudos históricos e as bibliografias específicas das múltiplas subdivisões do campo histórico, que começou a se subdividir depois da Segunda Guerra Mundial e explodiu no último quartel do século XX. Então, mudou-se completamente a forma de trabalho e as questões relativas à formação do historiador. Isso ocorreu no mundo inteiro, porque, se você for num congresso internacional e encontrar historiadores, todo mundo leu Marc Bloch, Fernand Braudel, Michel de Certeau, Michel Foucault, Edward Palmer Thompson - é a bibliografia básica. Quem trabalha num determinado campo, aprofunda mais e mantém a sua bibliografia atualizada. Quem tem a formação geral, que os historiadores sempre têm, passou pelos clássicos. Seja um clássico do século XVII, XVIII, XIX ou XX, nós passamos por ele, lemos e entendemos a sua contribuição. "Olha, no meu campo, hoje em dia, é pouco relevante trabalhar com isso, porque eu trabalho com Cultura Material". Tudo bem, você trabalha com Cultura Material, mas

### O constante movimento de renovação

tem um arcabouço comum dado pela formação em História. Eu sei que é muito chato, mas tem que passar por isso, tem que ler e entender os autores. Há campos que são muito específicos e muito especializados, então você tem que ir complementando sua formação para trabalhar neles. Hoje em dia, a formação me parece mais direcionada, desde a graduação, para o campo de interesse do aluno. Então, quem quiser trabalhar com Cultura Visual vai trabalhar com isso desde a graduação, vai seguir os cursos referentes à Cultura Visual e vai fazer o processo de iniciação científica trabalhando com Cultura Visual. O pessoal que trabalha com História e Cinema tem um determinado processo de formação, já o pessoal que trabalha com Movimentos Sociais tem outro processo de formação. Os clássicos são comuns a todos, todos eles passaram pela leitura e discussão, tem uma ideia de como o campo dos estudos históricos faz a discussão, do que ele é e como trabalha, mas as formações são cada vez mais específicas. Já não falo nem do caso de Arqueologia e suas trezentas subdivisões, que também é um processo de formação. Vocês vão encontrar historiadores que trabalham com a Arqueologia, como vão encontrar os que trabalham com Cinema, os que trabalham com Literatura, os que trabalham com Movimentos Sociais de uma forma mais tradicional ou de uma forma absolutamente contemporânea. Se vocês pegarem o curso de Pós-Graduação DIVERSITAS - Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos, vocês vão encontrar um bloco de historiadores pesquisando questões de diversidade no mundo contemporâneo. A formação básica: historiadores.

É um campo muito divertido, você sempre tem alguma coisa a mais para estudar, sempre consegue olhar para o que está acontecendo e criar parâmetros de comparação. A gente pega qualquer pedacinho do passado ou do presente, dá uma sacudida e vê se as peças se encaixam. Se elas não se encaixarem, a gente quer saber

o porquê elas não se encaixam. Se elas se encaixarem, a gente também quer saber o porquê elas se encaixam: “O que eu fiz de errado para elas se encaixarem? O que eu não vi?”. Fica muito divertido. Não acaba, não é alguma coisa que você aprende e aquilo é sólido e consolidado.

O que nós estamos discutindo hoje, em termos de porque os historiadores escrevem de determinada forma, é interessante. Eu trabalho no campo História da Historiografia, e não tem nada a ver com o que a maioria dos historiadores pensa que está fazendo. É muito divertido estudar este campo porque o historiador escreve de determinada maneira, quais são os critérios que existem em determinados períodos, quais as regras profissionais. É interessantíssimo. Claro, você está trabalhando no campo da interpretação daquilo que foi feito, não altera nada do que foi feito e nem do que aconteceu. É só a gente entender o porquê foi estudado e explicado daquela forma. É interessante, é um campo ótimo. Tudo que você pensar, a gente pode explicar, e se estiver com bastante tempo, a gente arranja umas três ou quatro explicações para aquilo. Você só está girando um objeto. Você tem um determinado objeto e ele pode ser observado, analisado, desmontado e remontado de muitas formas.

Claro, nós, os historiadores acadêmicos profissionais, somos os monstros, porque nós não acreditamos que o passado possa ser reconstruído, nós não temos a menor possibilidade de reconstituir a forma de pensar dos períodos anteriores. Às vezes, as pessoas, quando começam o curso de História, se assustam muito, porque nosso pressuposto é de que toda produção historiográfica é uma produção datada, de uma dada sociedade com determinados critérios, não certos e não errados. Isso assusta muito porque as pessoas pensam que, eventualmente, o historiador encontra o passado. Ninguém encontra o passado. Ele é reconstituído e reexplicado várias

### O constante movimento de renovação

vezes. Nós podemos entender o porquê ele é explicado da forma A, B ou C, pelos escritos que os historiadores deixaram, pelas obras literárias, pelas obras artísticas, pelos produtos materiais e pelos resíduos aleatórios do passado. A gente tenta entender o que aconteceu, e tem clareza que aquilo que aconteceu não pode ser reconstruído. Não temos as mesmas experiências de vida, nem as mesmas questões daquelas pessoas. Claro que os historiadores trabalham com empatia, nós trabalhamos com o Outro. O nosso Outro - diferentemente da Psicologia, que trabalha com um outro ser humano - é o passado, seres que já desapareceram e que deixaram sinais da sua existência. O que nós procuramos é entender esses sinais, que são datados, tanto do período da produção quanto do período da interpretação. Isso é fantástico.

Nós somos uns monstros. Nós vamos ver um filme policial e, se deixarem a gente falar - normalmente não deixam porque historiador fala muito - nós vamos explicar o porquê os autores/diretores usam determinada construção, do que estão falando na verdade, o que eles estão escondendo, o que é explícito e o que está implícito quando fazem determinada construção. Romance policial, então, é divertidíssimo: dá uma sociedade inteirinha, os critérios dessa sociedade. Mas qualquer livro, qualquer produção cultural dá. Se você for ler revistas, irá encontrar informações daquela sociedade, como as coisas deveriam ser, o que era permitido, o que era a verdade. O passado é ótimo para se trabalhar, ele sempre permite um outro olhar e uma outra perspectiva. Lembrando que o que encontramos é sempre limitado, toda produção é limitada em função do momento em que se vive. É divertido.

**Raquel Glezer:** Não é bom ter uma revista? Eu acho ótimo vocês terem a Revista *Epígrafe*. Porque é uma forma de vocês exercitarem várias atividades profissionais.

Gabriele Oliveira e Pedro Silva

Trabalham com a História Oral e com uma porção de coisas. Se vocês deixarem, eu falo por três horas, porque, como toda historiadora, sou um bicho ruim que fala muito. Vocês andaram entrevistando quem?

**Revista Epígrafe:** No semestre passado, a gente montou um dossiê de entrevistas com vários profissionais de áreas diferentes da História. Então, a gente conversou com o pessoal de Museologia, de Arquivologia, com pessoal que trabalha com material didático, com o pessoal que dá aula. Se chama *Ofícios em Mosaico*. A gente conversou com vários deles justamente para mostrar para os alunos que o historiador não é, necessariamente, só professor; tem várias coisas que podemos fazer, como um mosaico de possibilidades

**Raquel Glezer:** É uma profissão que permite várias coisas. Agora, já é uma profissão regulamentada, mas, até o ano passado, era uma profissão inexistente. A gente sempre se declara como historiador, mas era uma profissão inexistente. Agora, já temos a profissão reconhecida, e fica mais fácil a inserção no mercado de trabalho. Mas você vai encontrar historiadores em todo e qualquer lugar: do arquivo ao pessoal que organiza exposições artísticas. Eles são todos muito divertidos. É uma profissão que permite flexibilidade, porque, como trabalha com vários materiais, as pessoas procuram um nicho no qual elas se sentem confortáveis. Acho que isso é a grande característica do campo dos estudos históricos, tem desde o pessoal da Arqueologia até o pessoal que trabalha com a produção de vídeos, com produção artística. É muito rico, pois você pode procurar aquilo que deixa você absolutamente feliz. Então, tem historiador feliz como editor, produtor cultural, em arquivos, em centros de documentação. É uma formação que é suficientemente ampla para permitir que as pessoas encontrem a sua melhor atividade, que elas se sintam bem exercendo essa atividade e uma determinada profissão.

## O constante movimento de renovação

**Revista Epígrafe:** Professora, falando dessas escolhas de carreira, como a senhora decidiu ir para a carreira acadêmica? Como foi essa transição da graduação para a pós-graduação?

**Raquel Glezer:** Quando eu terminei a graduação, a gente podia fazer um período informe de pós-graduação; podia escolher um professor-orientador e um tema de pesquisa. Você podia ficar um longo período estudando e fazendo sua pesquisa. Como não havia financiamento, as pesquisas só poderiam ser feitas no período das férias dos interessados. Então, era bem informal. Eu fiz parte de um grupo de pesquisa na graduação com o professor Joaquim Barradas de Carvalho e, depois de graduada, fiz parte de um grupo de pesquisa da professora Emília Viotti da Costa, que tinha um projeto de pesquisa sobre urbanização no Brasil. Até os anos 50, o Brasil era considerado um país predominantemente rural. Então, as questões de urbanização estavam começando a ser estudadas no processo de explosão do crescimento urbano no Brasil na década de 60, em função das transformações econômicas e do processo de industrialização por substituição. A gente tinha esse projeto no Brasil, praticamente centrado em São Paulo, que era ligado a um grande projeto do professor Frédéric Mauro sobre urbanização na América Latina. Então, a coordenação dos projetos sobre a região paulista era da professora Emília Viotti da Costa. Ela foi cassada, durante a Ditadura Militar no Brasil, e nós tivemos que pensar o que iríamos fazer. Ela orientava dois grupos de pesquisa: o grupo que eu frequentava, que era sobre urbanização, sobre trabalho e questões urbanas; e o outro grupo, que era sobre escravidão. Depois que ela foi cassada, pensamos: “Bom, o que nós vamos fazer?”. Uma coisa eu sabia: eu não queria trabalhar mais com questões urbanas.

Logo depois da cassação da professora Emília, o Departamento de História ficou praticamente sem professores para a área de Introdução aos Estudos

Gabriele Oliveira e Pedro Silva

Históricos. Havia duas assistentes da professora Emília, a Ana Maria Camargo e a Sylvia Basseto, que ficaram, com a professora Maria de Lourdes Janotti, responsáveis pelas disciplinas: Introdução aos Estudos Históricos e Teoria da História e Historiografia Brasileira, que era uma disciplina de um semestre. Nos anos de 1970 eu já estava dando aula de Metodologia e Teoria da História e Historiografia Brasileira, e fiquei sob orientação da professora Maria Beatriz Nizza da Silva, que havia vindo do Departamento de Filosofia, para a disciplina de Teoria da História. Fiz um trabalho sobre historiografia brasileira. Foi muito bom porque aprendi muito sobre o campo. Escolhi um historiador que era uma referência obrigatória da época, todo mundo tinha que ler os livros dele, e era muito importante. Eu trabalhei com o que hoje nós chamamos de História do Tempo Presente, historiografia do tempo presente. Foi muito divertido. Aprendi muito sobre a profissão, sobre uma coisa que nós chamamos hoje de processo de profissionalização do historiador, sobre relações intelectuais, processos de formação, discussões de grupos de historiadores sobre determinadas questões, e fiz meu doutorado sobre um historiador vivo e atuante. Durante quase quarenta anos, ninguém trabalhou com esse historiador, porque, pelas transformações do campo, ele se tornara, em determinado momento, autor irrelevante, e os autores franceses eram referenciais mais importantes. Só agora, no final do século XX e no século XXI, ele foi retomado como objeto de estudo e há vários trabalhos sobre ele, porque o campo cresceu muito, embora ainda seja relativamente marginal dentro dos estudos históricos no Brasil. É o campo de Teoria da História e História da Historiografia. Temos uma Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia, que tem a revista *História da Historiografia*, os encontros anuais e os especialistas que trabalham com Teoria da História e História da Historiografia, tanto historiografia geral quanto historiografia brasileira. Então, é um campo bom para trabalhar, de vez em quando eu ainda trabalho com ele. E trabalho com algumas

### O constante movimento de renovação

questões sobre processos de ocupação da terra, sobre urbanização, no caso, centrada na questão da urbanização em São Paulo.

Se você está cansado de fazer pesquisa em um determinado campo, sua pesquisa não vai para a frente, seu arquivo está fechado... você pode pegar outro projeto e desenvolver um pouco. Na verdade, trabalhar com História da Historiografia permite que você trabalhe com qualquer outro campo, porque você pega uma bibliografia básica e faz a análise e, ao fazê-la, você está simultaneamente trabalhando com outro campo, junto com a História da Historiografia. Não digo que seja um campo fácil, mas é muito divertido. Eu acho que História, para a gente fazer, tem que ser uma coisa atraente, divertida, e que dê muita satisfação, mesmo que seja só para os historiadores. Ninguém gosta dos historiadores, nenhum país do mundo fica feliz com seus historiadores. Há até uma rede internacional que se preocupa com historiadores que foram presos, o que acontece periodicamente. Há historiador preso em quase todos os países, principalmente nos países que tiveram uma mudança brusca nas formas de governo, com governos autoritários. Historiador tem mania de falar de coisas que governos não gostam. Os governos gostam de passados prontos e arrumadinhos. Mas os historiadores trabalham com a noção de que o passado não está morto, portanto, ele não é bonitinho, ele não é arrumadinho. Ele é complexo, pode parecer caótico, tem elementos mais visíveis e outros quase invisíveis, sempre podendo ser objeto de estudo. Se você pegar o campo de Estudos Feministas, ele vai da Pré-História até a contemporaneidade, e em qualquer momento você vai encontrar estudos sobre isso. Se você pegar o campo de Estudos Culturais, vai ter da Pré-História até os nossos dias. Existem algumas pessoas que pensam que o passado é um quadro no qual as pessoas vão lá, colocam os dados e tudo é fixo e imóvel, definitivo. Nós sabemos que o passado é uma construção, e que em cada momento,

houve passados diferentes, sempre houve passados diferentes. Historiadores são seres muito esquisitos, que gostam de olhar para o passado e ficar vendo as coisas que são mais ou menos parecidas ou muito diferentes, e eles querem entender o porquê daquilo tudo.

Durante o dia, talvez vocês não vejam isso, mas durante a noite (eu dei aula no curso noturno por muitos semestres), você tem um bloco de gente que está na segunda ou na terceira graduação fazendo História. É um curso que não só permite à pessoa entender o mundo, mas entender as relações sociais, a complexidade das coisas, então é muito bom. As pessoas acham que só faz História quem quer virar professor, mas não. Quem quer fazer o curso de História, faz porque quer entender o mundo de uma outra maneira, e aí vai fazer o que quiser da vida depois. Alguns até vão ser professores, mas, hoje, acho que pouca gente vai ser professor, porque é uma das profissões que mais foi desqualificada aqui no Brasil. Como resultado da desqualificação dos professores, somos absolutamente incapazes de entender a sociedade em que estamos e qual é o projeto que essa sociedade tem.

É muito triste ver um sistema de educação e financiamento de pós-graduação e pesquisa sendo desmontado. É uma coisa pela qual se batalhou muito. Claro, nós sabemos que nada na história é imutável, haverá recomposição, haverá novas estruturas, mas é triste ver o desmonte. São instituições de mais de meio século, que estão sendo desmontadas a olhos vistos. Desmonta-se o sistema de patrimônio, de financiamento de pesquisa, não só na área de Ciências Humanas, mas o sistema como um todo, e assim se desmonta esse país que pode ter pontas de pesquisa que são referências mundiais, como a área de pesquisas agrícolas ou de astronomia. Astrônomos brasileiros são cotados no mundo inteiro, eles têm grupos físicos e teóricos que processam as informações obtidas pelos telescópios internacionais em

### O constante movimento de renovação

diversas universidades. Isso tudo precisa de financiamento, precisa de dinheiro, e é muito triste ver esse desmonte, porque, infelizmente, o processo de formação de pesquisador leva de 10 a 15 anos de investimento pessoal e nacional. Não é que o Brasil não tenha dinheiro, é uma escolha do governante. Muito triste não ter a escolha da manutenção do conhecimento. Conhecimento é um processo que precisa de investimento, de formação e de paciência. As pessoas dizem: “Ah, mas que engraçadinho, resolveram fazer uma pesquisa com uma outra forma de fazer vacina”, e você vai lá e vê que a pessoa levou 10 anos para desenvolver essa nova forma de fazer vacina. Dez anos que foram pagos e financiados, e deram resultado. Ao lado desta pesquisa, várias outras não deram resultado. Então, a gente precisa pensar no que a gente quer nesse país, e o historiador também tem que pensar no que vai querer.

**Revista Epígrafe:** Gostaríamos de saber, por fim, como a senhora acha que o uso da tecnologia, de modo mais assíduo, durante a pandemia pode refletir e está refletindo no trabalho dos historiadores?

**Raquel Glezer:** Historiadores trabalham muito pouco em divulgação, aqui no Brasil. Nos outros lugares, tradicionalmente na França, historiadores, diretores de arquivo, diretores de revistas, editoras, já tem uma tradição de elaborar materiais de divulgação. Eu acho que agora, no Brasil, temos a possibilidade de ter produtores de material, e isso é importante, porque, mesmo que você tenha nas mídias sociais Terra Plana, o elefante que sustenta a Terra Plana, ou a tartaruga - porque algo tem que sustentar a Terra Plana - você tem a contrapartida. Claro, quando a imprensa surgiu, ela foi massivamente utilizada como material de contrapartida para divulgação de conhecimento, e isso foi importante para o processo de educação e formação da sociedade moderna, mais atualizada. Quando a gente pega a história de como a

Gabriele Oliveira e Pedro Silva

sociedade francesa se modernizou, uma das formas foi através dos jornais. As pessoas liam os jornais nos cafés - claro que nem todas eram alfabetizadas -, mas elas liam, algumas vezes em voz alta, debatiam e era uma forma de divulgação. Então, historiadores têm que aprender a divulgar.

Vocês têm uma profissão muito divertida, não levem a sério o que as pessoas falam sobre nós. Nós não contamos histórias da carochinha, mas sim histórias muito melhores do que os contos de fadas, com vários níveis, com várias possibilidades e com vários materiais. É ótimo. Eu acho que é a profissão do futuro, sempre. Não existe sociedade humana sem seu passado, e não existe sociedade humana que não procure o que tem em seu passado. Lembrem-se que os griôs africanos mantiveram suas histórias. “Ah, mas é só memorização”. Pois é, mas o Homero também era só memorização, e até hoje se discute se ele existiu ou não existiu, se era uma pessoa só ou várias. É muito divertido, é uma profissão divertida. Muito obrigada pelo convite e parabéns por manterem a revista.

**Revista Epígrafe:** Obrigado, professora, foi muito bom! A entrevista foi uma aula, na verdade, e foi uma honra entrevistar a senhora. É muito bom saber que, em meio a tanto retrocesso, a nossa profissão é divertida, e é muito gostoso fazer o que fazemos.

**Raquel Glezer:** É uma ótima profissão!